ANO VI • SÃO PAULO — JANEIRO - FEVEREIRO — 1944 • Ns. 65-66

Diretor: CLOVIS DE OLIVEIRA Redatora: ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. D.ª Elisa, 50 — Caixa Postal 4848 — S. PAULO

"RESENHA MUSICAL"
COM ESTE NUMERO:

Suplementos: — MUSICAL — Madrigal (p. côro), de G. Leanza; FOTOGRAFICO — Carlos Chávez, compositor mexicano.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	Cr. $ 20,00
Idem semestral	Cr. $ 12,00
N.º avulso c/ suplemento	Cr. $ 3,50
Suplemento avulso ...	Cr. $ 3,00

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é **expressamente proíbido.**

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS:
FONES 5-4630 e 5-5971

Redação: Rua Dona Elisa, 50
Caixa Postal 4848

José Mauricio Nunes Garcia
(1767 - 1830)

Ensaio Historico

(CONT. DO N.o ANTERIOR)

Luiz-Heitor Corrêa de Azevedo
Rio de Janeiro

Em 1798 assinalamos dois acontecimentos importantes na vida de José Mauricio e que vêm melhorar sensivelmente as suas condições financeiras. Obtem licença para pregar; e desde logo passa a receber boas espórtulas pelas homelias que frequentemente lhe são encomendadas. E' nomeado Mestre de Capela da Catedral e Sé do Rio de Janeiro, com os vencimentos de 50$000 (cincoenta mil réis) mensais, que não devemos considerar insignificantes, pois é preciso não esquecer que o nosso cambio, na época, devia estar à taxa de 70 dinheiros, mais ou menos, e o Vice-Rei do Brasil ganhava **regiamente** 500$000 mensais...

Sob a direção e orientação de José Mauricio os serviços musicais do primeiro templo fluminense se tornam suntuosos. Ele mesmo, com a pratica, vem a ser um otimo organista; os cantores, adextrados e trabalhados sob a sua batuta, fazem prodigios e causarão a mais viva surpreza à Côrte Portuguesa quando aqui se estabelecer, em 1808.

A sua bagagem musical aumenta sempre; ele não esmorece, a busca, continuamente, o aperfeiçoamento musical e intelectual.

Apesar dos seus 35 anos, da sua importancia nos circulos intelectuais do Rio de Janeiro, dos seus inumeros afazeres e de já ter obtido licença da autoridade eclesiastica para ocupar o pulpito, José Mauricio vai, em 1802, inscrever-se na aula de Retorica do dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o poeta de "Glaura", filho de um pobre musico da provincia de Minas Gerais, ele mesmo habil tocador de flauta e violino, nos tempos da mocidade.

Com Alvarenga estuda José Mauricio dois anos, merecendo por fim honroso atestado, onde mais uma vez se põe em evidencia a extraordinaria inteligencia e aplicação do padre compositor. Por essa época devemos situar um episodio da sua vida de que não vos falarei sem certo constragimento.

Carlos Magno costumava dizer que se um dia encontrasse um sacerdote prevaricando na via publica havia de cobri-lo com o seu manto real para que os passantes não tirassem escandalo da sua conduta. Para os que se dizem indiferentes em materia religiosa, ou são ostensivamente acatolicos, geralmente a falta de um sacerdote não significa uma fraqueza do individuo mas oprobio inabsolvivel e motivo de condenação da propria Igreja. Não concebem o erro e a vergonha da parte isolados de erro e vergonha de todo.

Sendo essa disposição de espirito — deploravel do ponto de vista da critica — agravada pelas idéas de muita gente sobre a impraticabilidade do verdadeiro celibato do Clero Catolico, o que procuram provar com exemplos que constituem exceções — compreendereis, certamente, o meu escrupulo abordando um assunto que todos os biografos de José Mauricio evitaram cuidadosamente até esta data.

Nem mesmo o Visconde de Taunay, no seu volumesinho de 130 paginas, que Afonso de Taunay piedosamente editou, por ocasião do centenario do compositor, se resolveu a explicar o aparecimento neste mundo de um dr. José Mauricio Nunes Garcia, cirurgião ilustre e filho de nosso compositor. Saibam pois os meus leitores que José Mauricio Junior nasceu na cidade do Rio de Janeiro, de onde nunca saiu seu pai, no dia 10 de Dezembro de 1808.

Com a mesma indulgencia que tinha para com os amores clandestinos dos pares "mal casados" a sociedade de então aceitava essas ligações, às vezes bem ostensivas, de sacerdotes esquecidos do seu estado. Ninguem negaria a intimidade do seu lar a uma rapariga, pelo fato de ter passado a viver como **moça** de fulano ou de sicrano (como então se dizia); niguem se lembraria de depositar menos confiança num sacerdote pelo fato de haver constituido familia. Um viajante francês que esteve no Rio, por essa época, cita o caso de uma jovem brasileira que recorreu aos tribunais para receber a herança de um monge com quem vivera. E a Justiça julgou liquido o direito da Suplicante...

Não vos sei dizer quanto tempo durou o romance de José Mauricio. Ela era uma Messalina qualquer da colonia; teve de sua união com José Mauricio um unico filho ao qual deu, entretanto, muitos irmãos, portadores do mais variados sobrenomes...

Esse ano de 1808, em que José Mauricio experimenta as alegrias da paternidade, já fôra assinalado por outro acontecimento que devia ter a maior importancia em sua vida. No dia 7 de Março entrava na Guanabara a frota portuguesa conduzindo a familia real e a fina flôr da aristocracia reinol. O principe Regente D. João, fugindo aos batalhões de Junot que invadiam o solo da Patria, optára pela unica solução possivel: a transladação da Côrte para o Rio de Janeiro.

Quem lucrava com isso era o Brasil, que seria beneficiado com alguns dos mais decisivos progressos da sua historia economica, intelectual e politica. Oprimido pelo mais absurdo e inepto sistema colonial, que o delirio do ouro, no sec. XVIII levara a extremos ignominiosos, ele ia, enfim, respirar, transformada a sua capital em séde do governo real, favorecido por todas as medidas de progresso exigidas pela sua nova importancia politica e pelos desvelos de um monarca que, apesar de todas as fraquezas que lhe são imputadas pela Historia, soube amar sinceramente e esclarecidamente a nossa terra.

Como quasi todos os principes da Casa de Bragança D. João era louco por musica. "Ha soberanos", diz Porto Alegre, "que são seguidos nas suas jornadas por seus monteiros, pelos seus cães, pelos seus cavalos, outros pelos seus atores e histriões; muitos pelos seus soldados e alguns pelos seus bufos e parasitas; o senhor D. João VI era acompanhado pelos seus padres e pelos seus musicos".

José Mauricio era padre e era musico; reunia, pois, duas qualidades que o Regente muito prezava. Desde logo começa a experimentar a proteção do soberano.

Nesse mesmo ano de 1808, tendo D. João apreciado a eficiencia dos conjutos musicais concertados e dirigidos pelo nosso compositor, na Catedral e Sé, já agora transformada em Capela Real, manda proceder à sua nomeação para Inspetor de Musica da mesma. Esse ato está datado de 26 de Novembro. Dias mais tarde nascia o filho do nosso compositor. Começa o grande periodo da sua vida.

O Principe Regente está entusiasmado com o genio musical do Padre. Encomenda-lhe novas obras para as funções religiosas; admite-o na intimidade do paço.

Em certa ocasião, arrebatado, deante de toda a Côrte, num gesto teatral, arranca da farda do Barão de Vila Nova da Rainha as insignias da Ordem de Cristo, colocando-as na batina do compositor. Foi isso em principios de 1810; a 10 de Março José Mauricio professava, tendo como padrinhos aquele mesmo Barão de Vila Nova da Rainha, Frei Francisco José Rufino de Souza e Frei Jo-

sé Marcelino Gonçalves, seu antigo discipulo e filho de Tomaz Gonçalves, o dedicado amigo que lhe fizera doação da casa da rua das Marrecas.

Pouco tempo mais tarde ordenou o Principe fossem servidas a José Mauricio refeições de creado particular, no paço, o que era sinal da alta proteção que lhe dispensava; não se deu bem, porém, o nosso compositor, com essa regalia, pois requereu do Erario Real a conversão em dinheiro daquele favor, que foi arbitrado em 32$000 mensais, pagos ao padre durante todo o tempo que permaneceu no Brasil a Côrte Portuguesa.

Outra mercê com que o Regente agraciou o nosso padre foi a sua nomeação para Pregador Regio, depois de ter ouvido um sermão que proferira na Capela Real por ocasião da festa dos Santos Inocentes. Essa ultima distinção vem reforçar o conceito que temos de José Mauricio como homem ilustrado, senhor de conhecimentos universais, se bem que o valimento em que era tido na Côrte muito devesse influir, sem duvida, para torná-lo merecedor de mais essse emprego. Sabemos, aliás, que nesse tempo ele frequentava assiduamente o salão literario do Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, onde se reuniam alguns dos espiritos mais finos da época, entre os quais o padre Caldas e o Marquez de Maricá. Esse prelado muitas vezes teve ocasião de elogiar José Mauricio, diz-nos Porto Alegre, "não só como artista, mas como um sacerdote dos mais ilustres da sua diocese e a quem sobejavam talentos fóra da musica".

Entretanto, se por um lado o Principe Regente o cumulava de todos esses favores, por outro muito devia sofrer José Mauricio com a atitude de sua Côrte, que timbrava em ostentar desprezo por tudo quanto era do Brasil. Foi esse, aliás, um dos estimulantes que prepararam o sentimento nacional para a Independencia. Aquele irreverentissimo abbé Chamfort, cujo nome já foi lembrado neste estudo, afirma que Lord Tirauley, embaixador inglês em Lisboa, costumava dizer que "tirando-se a um espanhol tudo quanto ele tem de bom, o que resta é um português"...

Deviam ser insuportaveis, efetivamente, os nossos avós portugueses daquela época,, quando a nação e o regimem ameaçavam ruina, exaustos pelos excessos de D. João V e pela politica do marquez de Pombal.

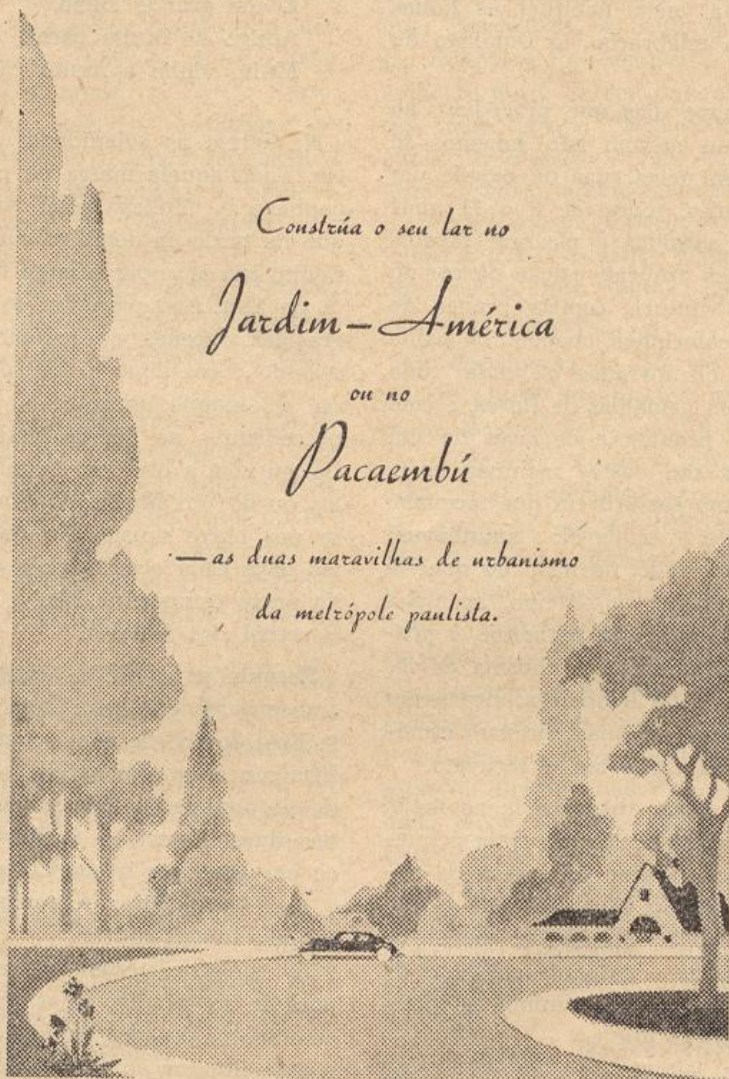
Arrogantes, corrompidos, viviam os fidalgos e a gente de serviço da Côrte a inflingir continuas humilhações aos brasileiros. José Mauricio, muito especialmente, era vitima desse estado de cousas, porque os reinós não viam com bons olhos a proteção que o Principe dispensava ao nosso compositor. "O que eu sofri daquela gente só Deus sabe!", dizia ele nos ultimos dias de sua vida.

Até os lacaios e infimos serviçais do Paço se julgavam no direito de maltratar o nosso compositor, que de natural timido e bondoso preferia evitar as ocasiões e calar-se do que fazer valer a sua influencia junto ao Principe para obter o castigo dos imprudentes. Assim, por exemplo, com o caso da ração de creado particular que o Regente lhe mandára servir. De tal forma foi tratado José Mauricio pelos empregados da Ucharia que teve de requerer a sua conversão em dinheiro.

De outra vez, tendo o Principe ordenado que lhe fosse fornecido diariamente um cavalo para passear e descançar, quando já a sua saúde estava alquebrada pela vida sedentaria e excesso de trabalho intelectual, divertiam-se os moços de estrebaria em levar ao Padre animais tão bravos que nem eles proprios conseguiam montar...

Desde o estabelecimento da Côrte no Rio de Janeiro vinha José Mauricio se entregando, efetivamente, a um trabalho excessivo, para satisfazer às numerosas encomendas de novas composições que o Principe exigia para as frequentes solenidades que eram celebradas com toda a pompa na Capela Real ou na Fazenda de Santa Cruz, convertida agora em casa de campo de Sua Alteza.

Para terdes uma idéa do que eram, nesse tempo, as grande festas de igreja no Rio de

Constrúa o seu lar no
Jardim-América
ou no
Pacaembú
— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.

Janeiro, não me furtarei ao prazer de transcrever uma pagina das "Memorias de um sargento de Milicias", de Manoel Antonio de Almeida, em que o malogrado autor dessa obra — que é uma das mais finas e espirituosas da nossa literatura — nos descreve, com a sua verve habitual, as **Folias** que precediam a celebração do Domingo do Espirito Santo:

"Durante os nove dias que precediam ao Espirito-Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, saiam pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 anos **caprichosamente** vestidos **à pastora:** sapatos côr de rosa, meias brancas, calção da côr do sapato, faixas à cintura, camisa branca de longos e caidos colarinhos, chapeus de palha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinaldas de flores, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento **pastoril** em que tocavam, pandeiro, cachete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma musica de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de **irmãos** de opa, levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quais tiravam esmolas enquanto eles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio; ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de veludo verde, calção de egual fazenda e côr, meias de seda, sapatos afivelados, chapeu de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito-Santo ao peito; caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era cousa deveras extravagante, ver-se um imperador vestido de veludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa musica dos barbeiros, tudo corria à janela para ver a Folia: os irmãos aproveitavam-se do ensejo, e iam colhendo esmolas de porta em porta.

Enquanto caminhava o rancho tocava a musica de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam; as cantigas eram pouco mais ou menos no genero e estilo desta:

> O Divino Espirito Santo
> E' um grande folião,
> Amigo de muita carne.
> Muito vinho e muito pão".

Na Igreja as solenidades eram imponentes. Toda aquela massa de povo que acompanhava as "Folias" pelas ruas da cidade, e que na tarde do domingo consagrado ao Paraclito iria acampar o largo fronteiro à Igreja de Sant'Ana para ver os fogos, ouvir as graçolas obcenas do leiloeiro e divertir-se ceiando e cantando a som de violões, acorria ao templo durante as novenas que o precediam e no dia da festa, para se extasiarem com a oratoria de um Frei São Carlos ou de um Monte Alverne e enlevarem-se nas obras musicais especialmente escritas para cada ocasião pelo genio fulgurante do nosso compositor. Era a parte fina e intelectual dos festejos.

Servida por grande orquestra e numerosos cantores ensaiados com apuro, a Capela Real do Rio de Janeiro proporcionava aos fiéis concertos explendidos o era o local onde se ouviam melhores execuções musicais nas duas Americas. O Regente era fanatico por musica e a sua Côrte esbanjava com o luxo verdadeiras fortunas, para desespero dos contribuintes...

As senhoras vestem-se em grande toilete para ir ao templo, cujas paredes desaparecem sob os pesados veludos bordados a ouro e cuja iluminação é "escandalosa", diz Rose Marie Freycinet em seu diario de viagem. A jovem e encantadora senhora que aqui esteve a bordo da corveta "Uranie" acrescenta que ouviu as execuções musicais da Capela Real as quais nada deixavam a desejar, e que os instrumentistas e cantores eram, em sua maioria, negros. O que a horrorisa — alem dos cantores italianos com vozes de soprano e contralto (que já nessa época o Regente mandára buscar) — é o aspecto da

assistencia, que devia ser imunda, pois todos os viajantes estrangeiros que estiveram no Rio por aquela época, se referem, muito impresionados, à terrivel falta de asseio da cidade e dos seus habitantes...

Não era porem a Capela Real o unico centro de boas realizações musicais, no Rio. No Real Teatro de S. João, inaugurado em 1813, no local em que hoje se ergue o João Caetano — e mesmo antes, no Teatro Regio, anexo ao Palacio Real — realizavam-se otimos espetaculos liricos, sendo representadas operas de grande montagem como o "Moisés" de Rossini e "Demofoonte" de Marcos Portugal.

Balbi pretende ter ouvido operas cantadas exclusivamente pelos escravos da Fazenda de Santa Cruz, alunos do famoso "Conservatorio dos Negros".

José Mauricio escreveu para o Teatro de S. João a opera "Le Due Gemelle", que não se sabe se chegou a ser representada, e cujas partituras se perderam, uma no incendio do Teatro, em 1824, e outra entre os manuscritos de Marcos Portugal vendidos como papel velho, a peso, depois da morte desse compositor.

Até 1811 sabemos, por uma nota escrita por ele mesmo, compuzera José Mauricio perto de 200 obras só para a Capela Real, sem contar as que escrevera para varias Irmandades e outras igrejas e algumas poucas obras profanas, como a "Simfonia Funebre", a "Ouverture de Zemira", etc.

Esse ano de 1811 é assinalado pela chegada ao Rio do maior compositor português de todos os tempos e um dos autores mais celebres daquele começo do seculo: Marcos Antonio da Fonseca Portugal.

Dom João trouxera consigo, em 1808, varios musicos portugueses; querendo, porem, aumentar ainda o brilho das suas festas musicais resolveu mandar buscar, por essa época, nova falange de artistas, entre os quais os sopranistas e altistas italianos — que tão mal impressionaram Rose Marie Freycinet — e o celebrado autor de "Demofoonte".

Nascido em Lisboa em 1762 e tendo completado os estudos musicais na Italia — onde obtivera o primeiro triunfo com a opera "La Bacchetta Portentosa", representada em Genova — Marcos Portugal era, no momento de sua vinda para o Brasil, um dos autores mais representados nos teatros de toda a Europa. Com aquela fertilidade que caracteriza os compositores da época ele ostenta uma bagagem musical compreendendo perto de cem operas, alem de musica para igreja. "Demofoonte" e "Ferdinando in Messico "eram consideradas suas obras primas; aquele fôra estreada no Scala de Milão, escrita especialmente para a celebre soprano Angelica Catalani, que tinha na cavatina "Son Regina" um dos seus mais ruidosos sucessos.

29 das operas de Marcos Portugal estão no repertorio dos teatros italianos, no primeiro decenio do seculo. A Opera de Viena faz representar a sua "Confuzione della Somiglianza" traduzida para a lingua alemã. Em Londres, em S. Petersburgo, em Paris (no Teatro dos Italianos), Marcos Portugal é um nome consagrado e as suas obras fazem a fortuna dos emprezarios. Em 1815, estando já no Rio de Janeiro, é eleito Socio Correspondente do Instituto de França, por indicação de Monsigny, Lesueur e Méhul.

Tal era o artista que vinha residir na capital do Brasil, onde devia morrer 19 anos mais tarde. Os seus ossos, conservados no Convento de Santo Antonio até 1929, foram, nesse ano, por ordem do governo português, transladados para o Panteon Nacional dos Jeronimos, em Lisboa, onde são sepultados os grandes vultos da historia de Portugal.

Logo depois da sua chegada ao Rio foi Marcos Portugal convidado pela Princeza D. Carlota Joaquina a ter um encontro com José Mauricio, afim de formar um juizo dos talentos do nosso musico.

A Princeza detestava tudo quanto era do Brasil; conta-se, até, que quando regressou a Lisboa a primeira coisa que fez foi jogar os sapatos fóra para que a poeira da nossa terra não maculasse o solo de Portugal... Alem disso, detesta o Seu Augusto Esposo,

que já tentára envenenar, em Lisboa, e de quem vive separada. Ora, o nosso compositor alem de brasileiro era protegido do Principe, não sendo provavel, pois, que conseguisse aliciar as simpatias de D. Carlota Joaquina.

O Visconde de Taunay relata a cena em seu livro, tal como foi presenceada por um amigo de seu pai, o Barão Felix de Taunay. D. Carlota Joaquina procura indispor o animo do compositor português contra José Mauricio. Diz-lhe que o Principe costuma chamar o compositor brasileiro de "novo Marcos". E' marcada para o dia seguinte a entrevista dos dois musicos.

Portugal traz uma das Sonatas de Haydn, com a qual pretende embaraçar o nosso compositor. Convidado a executa-la José Mauricio senta-se ao piano. O outro lhe pergunta se já ouvira falar em tal autor e muito se admira quando José Mauricio declara que conhece quasi todas as obras de Haydn.

Deveis estar bem lembrados de que vos falei da importante biblioteca musical de José Mauricio. Cernicchiario assevera, mesmo, em sua "Storia della Musica nel Brasile" que o nosso Padre trocava correspondencia com o imortal compositor austriaco, sem indicar, entretanto, a fonte onde obteve essa informação de uma importancia singular.

Voltemos, porem, à nossa cena. José Mauricio reluta um pouco em tocar. Embora conhecendo quasi todas as obras de Haydn, que era um dos seus autores prediletos, ignorava, ainda, aquela Sonata. D. Carlota Joaquina intervem; e o Padre, inseguro a principio e tremulo, começa a decifrar a pagina aberta na estante.

Era assombrosa a sua faculdade de leitura à primeira vista, assim como os seus dons de improvisador. Com toda a vivacidade e riqueza de colorido, cada vez mais senhor de si, ele termina, afinal, a Sonata, arrebatando o pequeno auditorio e o proprio Marcos Portugal, que o abraça declarando-o seu irmão na arte e dizendo-lhe que espera ter nele um amigo.

Infelizmente tais votos não se podiam realizar. Marcos Portugal pertencia a essa especie de musicos que procuram monopolisar todas as atividades e todos os proveitos, barrando o caminho aos outros artistas e tentando inutilizar os seus esforços. E uma variedade muito conhecida da fauna musical de todos os paises e de todas as épocas. Chama-se Lully, na França; ou Paisiello, na Italia.

Em breve tinha o compositor lusitano contra si a opinião de quasi todos os musicos. O Regente o proteje, porem; é nomeado Diretor de todas as festas musicais, na Capela e no Paço, e professor da familia real. Em 1813 o Principe lhe dá preferencia entre 36 candidatos, da melhor nobreza, para a obtenção de uma das inumeras sinecuras do regimen: o emprego de Inquiridor das Justificações do Reino, que pelo titulo, devia ultrapassar um pouco as capacidades profissionais de um musico...

A fonte classica de informações sobre a estadia de Marcos Portugal no Rio de Janeiro são as cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, oficial de secretaria da Côrte, dirigidas a seu pai, em Lisboa. Numa dessas cartas diz o missivista, que não poupa o compositor seu patricio, a proposito da proxima inauguração do Real Teatro de S. João:

"Como está constituido diretor do teatro e funções musicais, quanto à musica tem formado grandes intrigas entre musicos e atores, do que se tem originado enormes desordens.

Do novo teatro que vai abrir-se para o dia 12 de outubro e que tem sido feito à imitação e grandeza do de S. Carlos, a troco de despezas incriveis, queria Marcos ser despotico diretor com 2:000$000 (dois contos de réis) alem de beneficios e o melhor camarote de boca; como encontrasse duvidas no seu emprezario, tem-se empenhado em desviar os cantores e para isso obrigando-os a exigir grandes mezadas".

Com Marcos Portugal tambem está no Rio seu irmão Simão Portugal, compositor de bem menor fama e merito, mas, ao que

parece, excelente pianista e organista e que lecionava a muitas alunas da mais alta nobreza.

Para completar o quadro musical da época, que vos estou traçando, acrescentarei que em 1816 chegava ao Rio um dos mais notaveis artistas do seu tempo e que devia ser um amigo sincero de José Mauricio: refiro-me a Segismundo Neukomm.

Efetivamente nesse ano desembarcava no Rio a colonia artistica chefiada por Joaquim Lebreton, membro do Instituto de França, e que vinha, contratada pelo Principe, fundar a Academia de Belas Artes. Todos os artistas que faziam parte da missão eram nomes aureolados de grande fama, que a diplomacia daquele substilissimo Marquez de Marialva conseguira reunir para lançar, como sementes explendidas, no riquissimo terreno artistico do Brasil.

Recomendado por Talleyrand, o homem enigmatico, politico temivel, que asseverava ter Deus concedido a palavra ao homem para encobrir os pensamentos, acompanhava a Missão Lebreton o pianista e compositor Segismundo Neukomm, antigo discipulo de Haydn.

Neukomm substituira Dussek como pianista addido à casa de Talleyrand e nessa qualidade o acompanhára ao Congresso de Viena, em 1815. Era um musico consciencioso, homem finissimo, que convivera com as grandes figuras da sua época, e do qual Mendelssohn, pouco facil em suas amizades, faz os maiores elogios em carta dirigida à sua irmã Fanny.

No Rio Neukomm teve que lutar contra a prepotencia de Marcos Portugal. As suas obras não logravam ser executadas porque eram condenadas pela camarilha do compositor português. Vindo como professor de musica para a Academia de Belas Artes não chegou a exercer essa função e só lecionou particularmente a Francisco Manoel e tambem ao Principe D. Pedro, que tinha gravissimas veleidades musicais...

Antes da chegada de Neukomm ha que registrar dois importantes e lutuosos acontecimentos ocorridos no dia 20 de Março desse ano de 1816.

Vitoria Maria, a mãe do nosso compositor, que a idolatrava, falece nesse dia, ao mesmo tempo em que, no Palacio de S. Cristovam, outra vida se extingue, cuja perda será motivo de luto publico para o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Quero referir-me à Augusta Senhora D. Maria I, a rainha louca, mãe de D. João VI, que no cais de Lisboa se recusava a embarcar para o Brasil, chorando e exclamando em altos brados que a queriam esbulhar e levar para o patibulo.

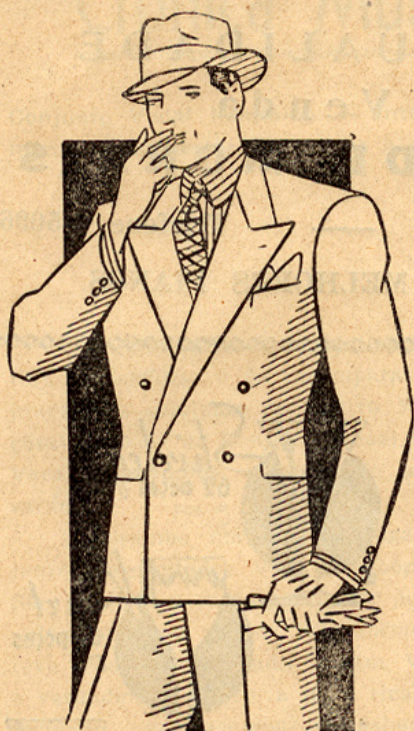
Dada a solenidade com que eram celebradas, nessa época, todas as funções religiosas, bem podeis imaginar a imponencia de que se revestiram os funerais da primeira Rainha que pisava o solo da America. Uma interrogação preocupava todos os que conheciam as rivalidades e intrigas dos musicos da Côrte. A quem encomendaria o Principe a parte musical da cerimonia? Ao grande Marcos Portugal? Ao extraordinario padre compositor brasileiro?

D. João, que a ambos prestigiava com a graça de sua real proteção decide-se por José Mauricio, preterindo assim a maior gloria musical de Portugal, cujo orgulho deve ter sofrido imenso abatimento com essa decisão.

O nosso compositor, entretanto, com a sensebilidade ferida por aquele extranha coincidencia, vai chorar a perda do ente querido nas paginas escritas para as exequias da Senhora D. Maria I.

Compõe essas paginas explendidas, de intensa musicalidade, de admiravel fatura técnica, em que não se deve procurar, porem, como dizem todos os biografos do Padre, os sentimentos de profunda dôr que lhe causava a morte da mãe, senão a magestade e as formas amplias e grandiosas que convêm ao luto de uma rainha.

Já nessa época a saude de José Mauricio começa a se resentir dos excessos de trabalho. Ele tem apenas 49 anos mas é obrigado a requerer às autoridades diocesanas permissão para rezar missa em casa. Sente-

se cansado. A intensa aplicação intelectual, as noites de vigilia, todos os excessos dos trabalhos de creação e realização artistica, lhe haviam minado o organismo. O numero das obras que compõe nesse periodo é incomparavelmente inferior ao das outras épocas da sua vida.

Em 1817, porem, o seu espirito curioso, sempre em busca de nova combinações, encontra uma oportunidade para mais uma vez se expandir. No dia 6 de Novembro desembarcava em nossa terra, recebida com festas explendidas, a Arquiduqueza Imperial da Casa D'Austria D. Maria Leopoldina Josepha Carolina de Habsburgo, esposa do Principe D. Pedro que só então vem conhecer.

Era D. Leopoldina filha do Imperador Francisco I, da Austria, sobrinha da infeliz rainha Maria Antonietta e cunhada de Napoleão Bonaparte. Viera dos dias gloriosos do Congresso de Viena em que toda a Europa ilustre e nobre se aglomerava na capital austriaca para festejar o fim da opressão napoleonica. Era sobrinha do arquiduque Rodolfo, o grande amigo de Beethoven, e certamente conhecera as obras, talvez o proprio titan das noves sinfonias.

Para acompanha-la na longa viagem, que entretanto ela empreende com tanta coragem e tanta graça, e para distrai-la durante as horas interminaveis da travessia atlantica, vem uma banda de musica militar, a primeira que José Mauricio tinha ocasião de ouvir. Entusiasmado o compositor escreve, em sua intenção, os "12 Divertimentos", cuja partitura, como já vimos, desapareceu misteriosamente da casa da rua do Nuncio no dia de sua morte.

Eis-nos chegados, porem, ao triste periodo final daquela laboriosissima existencia.

Em 1821, forçado pelos acontecimentos politicos de Portugal, D. João VI regressava com sua Côrte aos Paços de Lisboa. O Brasil, ia cair num periodo de agitações e de

efervescencia politica que se extende até à morte do compositor.

Um grande numero de musicos volta com o Rei para a Europa. D. Pedro, Principe Regente e depois Imperador do Brasil, não tem tempo para se preocupar com o brilho musical do Rio de Janeiro, nem o permitem, aliás, as finanças dos país recem-nascido, que dá os primeiros passos em sua independencia politica.

De Portugal D. João VI escreve uma carta autografada a José Mauricio lamentando não o ter levado para dirigir as funções musicais da sua Real Capela de Lisboa.

Marcos Portugal tambem ficára, imobilisado por uma paralisia, ou como diz o rancoroso Santos Marrocos, um "estupôr" que já em 1811 lhe inutilizára um braço.

A saúde de José Mauricio está alteradissima. Tem a memoria fraca; não conhece, ouvindo, as suas proprias obras escritas anteriormente. Chora quando recorda os tempos do velho rei e a agitação febril e gloriosa dos dias da Côrte Portuguesa no Rio de Janeiro.

Em 1826 entôa o canto do cisne com a composição da grande missa de Santa Cecilia, hoje conservada no Arquivo do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Nela emprega todos os seus cançados esforços; considera-a sua obra prima; tem desvelos de enamorado para com esse ultimo fruto da sua inspiração.

(Conclue no prox. numero)

Cronica Musical de São Paulo

Conjunto Vocal Feminino — Intercambio Musical Uruguai-Brasil — Ciclo Bethoveniano — Concertos Sinfonicos e outros — Dissolução da Orquestra do T. Municipal

Clovis de Oliveira

A doçura da voz feminina, em uma das noites que sucederam a do Natal, como um flux de perfume e de incomparavel finura artística, de uma subtileza incomum, impregnou o ambiente do Teatro Municipal, a 28 de Dezembro, através as interpretações estilosas do **Conjunto Vocal Feminino,** sob a direção da grande artista brasileira **Vera Janacopulos,** apresentado pela **Sociedade de Cultura Artística,** em seu 531.º sarau.

Precisamos, em primeiro lugar, dizer algo sôbre a organização do excelente conjunto apresentado: **Vera Janacopulos,** como é do conhecimento geral, mantem, em São Paulo, um curso particular de canto, onde transmite às suas discípulas preciosas aulas que, aos poucos, vão formando essas admiráveis intérpretes que o Brasil já teve ocasião de aplaudir. Assim, **Vera Janacopulos** transfere às suas dedicadas alunas o verdadeiro tesouro, a mais rica herança que uma grande artista pode legar à posteridade, o seu incomparavel cabedal artístico. Não contente com os aplausos que suas alunas vêm colhendo de modo triunfante, separademente, quiz e formou esse canoro conjunto a que denominou — **"Conjunto Vocal Feminino de Vera Janacopulos".** Aí está, pois, laureado pelo seu próprio valor e pelo incomparavel sucesso de sua primeira exibição, um ótimo conjunto que poderá continuar a apresentar o novel repertório nacional de músicas vocais.

* * *

A **Sociedade de Cultura Artística,** a quem devemos grande parte do patrimônio cultural que engrandece a Capital bandeirante, de modo incançavel e com admiravel constância, continua no afan de apresentar o que à arte musical legaram os grandes mestres. Perseverando, portanto, neste louvavel escopo, essa importante sociedade, apresentou em uma série de quatro concertos, a execução integral dos **Trios** (piano — violino e celo) e das **Sonatas** (celo e piano), de **Beethoven,** na execução dos notaveis artistas patrícios **Anselmo Zlatopolsky** — violinista, **Fritz Jank** — pianista, e **Mário Camerini** — celista.

Dizer da execução homogênia, maravilhosa desse **Trio,** ou da execução a cargo de **Mário Camerini** e **Fritz Jank,** é confirmar o conceito geral que foi unânime em destacar o elevado senso artístico que presidiu a todas as execuções desses renomados artistas. Artistas estes que são tão eloquentes como solistas como em conjunto. É pena, porém, que tais artistas só por uma rara coincidência, se reunam. Um conjunto dessa estirpe deveria ter vida permanente.

O êxito do **Ciclo Beethoveniano** foi completo.

* * *

Graças à iniciativa do **Instituto Interamericano de Musicologia**, de **Montevidéu**, visitou-nos a lúcida embaixada artística uruguaia, afim de fortalecer o intercâmbio musical entre os dois países. Melhor não poderia ter sido a idéia porquanto só a música com a sua literatura universal pode ligar os povos com o laço afetivo e fraternal dos corações.

Integraram a referida embaixada, os brilhantes artistas **Guido Santorsola** — viola, **Fanny Ingold** — piano, **Abel Carlevaro** — guitarra, e **Sarah Bourdilon Santorsola** — piano.

Dois concertos foram realizados, e, ambos, sob o patrocínio do **Departamento Municipal de Cultura.**

O primeiro, a cargo da excelente pianista **Fanny Ingold.** Esta jovem artista, veio patenteiar, mais uma vez, a excelência da escola pianística uruguaia, onde brilha como astro de primeira grandeza **Hugo Balzo** e, ainda, como uma das grandes esperanças esse admiravel e irrequieto compositor e pianista **Errecard**, que, com tanto calor foi, por nós, aplaudido. Agora, **Fanny Ingold.** Se ainda não atingiu o poderio de um **Balzo**, pelo menos, já estabilizou-se como pianista. Não resta dúvida que a sua juventude ainda lhe encurta os vôos, mas permite-lhe atingir maior altitude. Se uma jovem pode nos enlevar com os **Estudos de Chopin**, um maduro artista, pode nos aprofundar numa **Sonata de Chopin.** Mas é, nesse ponto, que reside o mérito dessa pianista que, sabendo utilizar seus verdes anos, executou um programa jovem pela sua musicalidade. O seu **Debussy**, é leve, de uma facilidade comunicante, expontâneo, irradiante. E, assim, foi o seu **Chopin**, o seu **Liszt.** Até que apresentou-nos **Vila-Lobos**, essa empolgante figura que enche de luz todo o cenário musical contemporâneo. **Fanny Ingold** tocou **Vila-Lobos**, com o seu próprio sentir; como sentiu pulsar em si, a fôrça da música brasileira. Suas interpretações foram recebidas com verdadeiro agrado, com muitos aplausos aos quais respondeu com extras.

O público que lotou o Teatro Municipal, não se cançou de aplaudir, obrigando o exímio recitalista a conceder vários extras.

O segundo concêrto da Delegação, esteve a cargo de **Abel Carlevaro**, jovem guitarrista, ex-aluno do grande **Segovia.**

Solista de um instrumento, infelizmente mal cultivado entre nós, **Abel Carlevaro** demonstrou com o mesmo e elevado critério, que outros como **Saint de la Maza**, o grande **Andrés Segovia** e outros, a que grau artístico pode e deve ser colocado um instrumento aparentemente tão modesto, tão despretencioso. E **Abel Carlevaro** não só demonstrou ser um **virtuose** em seu instrumento, como fez sentir através suas impecáveis interpretações, a sua sensibildade artística, cultivada por profundos conhecimentos musicais.

* * *

O **Departamento Municipal de Cultura** e a **Sociedade de Cultura Artística**, apresentaram, respectivamente a **Orquestra Brasileira de Camara**, novel conjunto sob a direção do maestro **Leon Kaniefsky**, e a **Orquestra Sinfônica Brasileira S. A.**, sob a regência de **Eugen Szenkar.**

A primeira realizou seu concêrto de apresentação e a segunda, já bastante conhecida e apreciada, marcou mais um brilhante tento, para os seus anais. E São Paulo, em poucos dias, estando privado da **Orquestra do Teatro Municipal**, mesmo assim, teve a oportunidade de assistir dois grandiosos concertos orquestrais. A **Orquestra Brasileira de Camara**, teve a oportunidade de demonstrar o espírito de vontade e

entusiasmo que a animará em suas realizações. Artistas dedicados a integram. A fôrça de vontade é um dos mais potentes fatores de vitória, de êxito. Assim animados, e, com repetidas oportunidades, teremos, dentro em pouco, um conjunto que poderá contribuir poderosamente para aumentar o programa de nossas realizações no campo da arte musical. **Alonso Anibal**, o festejado pianista, prestou seu concurso, executando o **Concêrto** em ré menor, n. 20, de **Mozart**, no que foi bem coadjuvado pela orquestra regida pelo maestro **Kaniefsky**.

O segundo grande concêrto, foi o da **Orquestra Sinfônica Brasileira**, do **Rio de Janeiro**, sob a regência de **Szenkar**. O que tem realizado essa **Orquestra**, nós temos acompanhado com interêsse, porque uma iniciativa arrojada que foi a princípio, tornou-se, hoje, numa fôrça indestrutivel, dada a inteligente administração do seu ilustre fundador maestro **José Siqueira**.

Abreviando, diremos, apenas, que foi grande e justo o entusiasmo com que o público se manifestou exigindo que o maestro **Szenkar** voltasse numerosas vezes ao palco, para agradecer aos insistentes chamados.

* * *

Encerrando o nosso comentário sôbre os concertos realizados, citaremos, ainda, o da pianista **Ana Stella Schic**. Como era de prevêr, grande foi o interêsse público, que aguardou anciosamente, esse concêrto anunciado pelo **Departamento Municipal de Cultura.**

Ana Stella, apresentou-se, desta vez, mais artista do que pianista. Para justificarmos basta citar a organização do programa executado, em que, eclético, denotou suas possibilidades interpretativas. Como pianista, já seus concertos anteriores a consagraram. Naturalmente que, ainda, não exigimos de **Ana Stella**, obras primas, mas o que nos apresentou revela que as obras primas lhes serão familiares dentro em breve, serão produzidas por intermédio de seus dedos dextros, revelando seu expressivo temperamento em pujante compleição artística mostra da concienciosa escola em que evolue.

Merecem destaque, as execuções das obras: **Mozart** — Sonata em si b maior; **Schumann, Arabeske** e **Peças Fantásticas; Rachmaninow,** Prelúdio em sol maior e as composições de **Vila-Lobos.**

* * *

Os cultores da mais bela das artes, de São Paulo, foram abalados pelo choque que não podia deixar de provocar, a dissolução da **Orquestra do Teatro Municipal** e, também do **Coral Lírico.**

Não vamos discutir o mérito da questão que privou a nossa Capital da sua orquestra oficial, mas, uma cousa afirmamos em nome do nosso meio artístico, **não é possível a não existência do conjunto orquestral oficial, de São Paulo.**

Felizmente, de encontro ao desejo de todos os que se interessam pelo progresso artístico da Paulicéia e do país, foi divulgada, pela imprensa diária, uma entrevista do sr. dr. Francisco Pati, m.d. Diretor do Departamento Municipal de Cultura, em que o brilhante homem de letras, afirmou que a orquestra será reorganizada, dentro de uma nova diretriz, e os concertos sinfônicos voltarão a se realizar.

Outra manifestação de confôrto, foi a pronta resolução do Conselho de Orientação

Artística de São Paulo, se prontificando a emprestar todo o seu valioso concurso para a reorganização do conjunto sinfônico do nosso principal teatro.

Deante dessas expressivas manifestações de boa vontade, partida de vozes autorizadas, podemos confiar no surgimento de uma nova orquestra para a preservação do renome de que goza São Paulo, de ser, ainda, a "capital artística do país".

Esperamos que não fique esquecido o Coral Lírico, conjunto indispensavel para a realização das grandes obras sinfônicas, como, também, para o maior brilho das temporadas líricas.

Cremos que em vista do ocorrido, surgiu uma explêndida oportunidade para os responsáveis pela difusão da cultura artística da terra bandeirante, reorganizarem esses conjuntos dando-lhes uma estrutura efetiva digna da nossa tradição, oferecendo aos jovens maestros, músicos e cantores, a "chance" que de ha muito esperam para participarem, com entusiasmo, na obra tão importante de difusão musical e artística a que se propôs o Departamento Municipal de Cultura, órgão que já se notabilizou pelas realizações brilhantes com que semeou o campo cultural e artístico de São Paulo. Uma interrupção, agora, seria lamentável.

Esperamos, ainda, que o Sindicato dos Músicos Profissionais possa concorrer para a solução de tão magno problema.

●

RECITAIS DA TARDE — Henry Jolles teve uma iniciativa feliz, plenamente coroada de êxito, digna mesmo de imitação, apresentando os Recitais da Tarde, à exemplo do que se faz nas grandes capitais européias. Constaram de três recitais, contando o 2.º, inteiramente dedicado ao grande Schubert, com o valioso concurso de Madalena Lebeis e Hertha Kahn.

Suas últimas produções, raramente apresentadas, foram aquí reunidas dando-nos perfeita idéia das audições que o mestre ou amigos seus proporcionavam à velha Viena.

Em "A Fantasia no Piano", seu último recital, o criterioso artista H. Jolles nos proporcionou Liszt (Après une lecture du Dante), Schumann (Peças de Fantasia), e Villa-Lobos (Impressões Seresteiras) em agradavel execução.

A. MELO GODOI

●

GUIOMAR NOVAIS PINTO — A grande pianista brasileira adiou para 1944-45, a "tournée" que deveria realizar em 1943-44, aos Estados Unidos, para onde seguirá, em outubro do corrente ano.

Festa de Formatura

INSTITUTO MUSICAL SANTA CECILIA DE SANTOS — Em sua séde e com extraordinário brilho, realizaram-se a 28-XII, p.p., as festas de colação de grau das alunas que terminaram os cursos e distribuindo-se tmbem, prêmios as que se notabilizaram nessa casa de arte durante o ano letivo. Paraninfou a turma o sr. prof. Samuel Arcanjo dos Santos. A sessão foi presidida por D. Idílio, Exmo. Sr. Bispo Diocesano, com a presença dos exmos. srs. Prefeito Municipal, Fiscal do Conselho de Orientação Artística do Estado, e, da exa. sra. Diretora, Dona Maria Amélia, havendo execução musical. Diplomaram-se as senhoras: Alciona Cirio — Alda Pires Silveira — Dilma Vieira Pires — Emília da Silveira Martins — Liliana Cunha Bellot — Maria Almeida Costa — Maria do Carmo Murat — Mercedes Prieto Lobariañas — e — Noêmia da Silveira Martins. Sua Excia. Revma. D. Idílio celebrou missa em ação de graças, no Santuário do S. Coração de Jesus, tendo o Orfeão do Instituto executado, entre outras peças do seu repertório, o Hino de Santa Cecília do Maestro João Gomes de Araujo e verso de Dom Aquino.

Transcrevemos a seguir, o expressivo discurso pronunciado pelo sr. prof. Samuel Arcanjo.

"Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano

Exmo. Sr. Prefeito Municipal

Sr. Fiscal do Conselho de Orientação Artística

Sra. Diretora, Sras. Diplomandas, Srs. e Sras.

O prazer de aquí me encontrar, como paraninfo das alunas que terminaram os seus cursos neste conceituado Instituto de arte, devo-o a um inexplicavel gesto de delicadeza das senhoras diplomandas.

Tamanha cortezia surpreendeu-me. Interroguei então à comissão que me convidava, o porque de tão fidalga distinção a uma figura tão apagada do cenário artístico, que pouco fez e nada poderá fazer para vós e para vossa casa querida. Responderam-me as senhorinhas, que a serenidade dum preceptor viria de encontro aos seus desejos, por lhes parecer suficientemente conhecedor dos trabalhos desenvolvidos numa jornada escolar através dos muros dum instituto musical.

E a jornada que vindes de terminar, se me apresenta ter sido cheia de puros ideais a convergirem para a aureolada consagração que hoje presenciamos, premiando-vos quais sacerdotizas da arte brasileira.

Justificando pois a minha presença num posto em que melhor estariam os cultores da oratória e das letras, peço que me julgueis, mais um prisioneiro de vossa bondade,do que um invasor de searas alheias. Procurarei ser breve em minhas despretenciosas palavras afim de não tomar-vos o precioso tempo.

* * *

João Sebastião Bach disse: "A vida consagrada à música é a única digna de ser vivida".

Quantas coisas... quantas alegrias... e quantos sacrifícios vos lembrará o vosso diploma! E não me desmentireis, se vos disser que a vida interna duma instituição

escolar é bem uma jornada de alegrias e sacrifícios. Ela representa o advento da ação social. Nela vos habituastes ao trabalho metódico, fazendo da existência um éco das alegrias e sacrifícios que transbordaram o imenso mar da vida dos grandes espíritos — BACH — BEETHOVEN — CHOPIN — JOSÉ MAURICIO — CARLOS GOMES, NEPUMOCENO e tantos outros predestinados artistas universais — absorvendo-lhes a seiva artística na análise de suas obras, no estudo de suas vidas e feitos, empolgando o senso estético na interpretação de suas produções, plasmando a vossa própria vida nos exemplos desses modelares mestres.

E é BACH ainda quem nos diz: "A vida consagrada à música é a única digna de ser vivida". Ninguém mais do que ele nos poderia legar tão confortante conselho. — Poucas vidas foram vividas de maneira tão edificante como a de João Sebastião BACH.

E Luiz van Beethoven nos diz: "O catecismo é a única base necessária à educação de um homem."

Estais para dar os primeiros passos no limiar de uma nova vida. Ides entrar nesse mar encapelado da vida social. Amanhã agireis sob vossa responsabilidade. Amanhã ditareis normas.

Não leveis ilusões desmedidas, senhoras diplomandas. A atividade, lá fora do Instituto Santa Cecília, será, em proporções gigantescas, um restrospecto da vida que vindes de passar; ela vos dará, porém, outras tantas coisas... outras tantas alegrias e sacrifícios de modalidades diversas. Ao partirdes esperançosas e felizes de haverdes vencido uma etapa importante de vossa vida, não vos seguirá somente o doce sussurrar das musas, — simbolizado nos sábios e quantas vezes adocicados conselhos de vossas mestras — grandes sacrificadas, porém sempre prontas a maiores sacrifícios em pról das novas gerações. Ao lado dessas doces recordações, desses encorajamentos, desses incentivos ao vosso talento, virão os vendavais encapelados, os ciclones dos maus espíritos da inveja, em todas as formas e proporções, o egoismo dos incapazes, e também dos capazes. A transição da vida escolar para a vida social é um problema cheio de surpresas que impõe muita cautela; ele pede um modo de vida cheio de renúncias.

Assim pensando impús-me o dever de vos aconselhar, tentando preparar-vos o ânimo. Apelei então para Santa Cecília — Padroeira de vosso Instituto — solicitando à Virgem Martir uma boa palavra. E foi com grande satisfação que encontrei em Beethoven a sugestão do Catecismo como lema precioso na educação da humanidade. Nele — senhoras diplomandas — fui buscar o mandamento Divino. Nele encontrei o mandamento do AMOR: "AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS". E não achais que esse decreto Divino, é, mais do que nunca, um preceito a ser lembrado agora, em toda a face da terra? — Compete pois a vós, que ides agir em nova vida, à mocidade cheia de entusiasmo criar um ambiente novo e favoravel a esse mandamento Divino, ora tão esquecido pela humanidade. Não é admissivel arte sem caridade. O artista deve ser um bom — os artistas devem se amar — o artista deve propagar o amor.

Senhoras diplomandas. Pensai, pensai muito mesmo na investidura que vos outorga um diploma, pois que ora sois sacerdotizas da arte. Usemos ainda uma vez a expressão de Bach: "Vos consagrastes à Arte; o vosso papel na sociedade é importantíssimo. Esse documento traz o timbre da obrigação, da responsabilidade ,do dever de bem ocupar o tempo, de zelar pelas gerações vindouras, pelo nosso folclore, nossos ritmos, nossas modinhas, nossas toadas, pela riqueza de nossa musa, enfim, pela justa veneração aos nossos artistas. Devemos reputar como melhor aquilo que é nosso!...

E para melhorar cada vez mais, devemos nos consagrar inteiramente à arte; vencendo pelo trabalho, estudando muito, sem cessar e produzindo como fizeram os grandes mestres.

Roberto Schumann, em seus "Conselhos à Juventude" não se esqueceu de reputar como precioso o Canto Popular. — Repitamos suas palavras: "Ouví com atenção as canções nacionais; elas são minas inexgotaveis em que se encontram as mais belas melodias a dar-vos idéia do carater dos diversos povos".

Amai a nossa música e consequentemente a nossa boa gente e vos tereis aproximado do "Amor de Deus e do próximo". — Dedicai-vos ao estudo contínuo, obstinado mesmo, da evolução artística universal, sem esquecer a nossa arte. — Diz Cassiano Ricardo, citando Maritain: "Toda obra de arte será tanto mais universal quanto mais reflita a pátria." — Procurai formar um ambiente onde impere o amor à Pátria e à boa ética profissional, inatacavel, — isenta porém de pedantismo. Agir em linha reta, com mansidão e dignidade. A luta pela vida não deve ser uma luta mercenária e de perseguição, mas sim uma luta pelo aformoseamento da alma; e a alma pura é aquela onde ferve a caridade que é o Amor de Deus e ao próximo.

Esfolhemos em apoteóse o roseiral de virtudes que ao lado de suas magníficas produções marcam a passagem dos grandes mestres pelo mundo.

De João Sebastião Bach, aquele que maior influência tem na formação do temperamento da posteridade, conta-nos em suas memórias, Ana Madalena, sua segunda espôsa: (pag. 33) ...jamais se sentiu vaidoso de seu gênio, que considerava como não lhe pertencendo. Achava que a vida consagrada à música era a única digna de ser vivida, mas que o músico, não passando de um instrumento, devia ser humilde e não se prevalecer de seus dons." — Pag. 37 — "O tempo é um dos dons preciosos de Deus; um dia teremos de dar conta dele diante de seu trono." — Pag. 61 — "Àqueles que, erguendo as mãos num gesto de admiração, o felicitavam pelos seus dons, respondia que esses dons provinham unicamente de um rude trabalho". — Pag. 42 — "...uma senhora francesa, sensurando-lhe o ter musicado certos hinos religiosos e certas passagens dos Evangelhos, falou-lhe: "Um motivo banal para seu talento, Sr. Bach, exclamava agitando todas as plumas que trazia na cabeça. Imposto e dizimo, lei e ordem! — Se quizesse musicar minha poesia sôbre amor e beleza..." — "Minha senhora — atalhou Sebastião a impaciente — não existe amor e beleza dignos desse nome, sem Lei e Ordem, sem cuprimento do dever e obediência à legítima autoridade". — Pag. 133 — ...cuidadoso e econômico nos detalhes da vida de todos os dias, em música dava provas de uma infinita prodigalidade. ...esta riqueza, não obstante ser verdadeiramente um dom de Deus, fôra por ele adquirida e conservada à custa de um trabalho penoso e incessante. Ele estudou durante toda sua juventude até a idade de 30 anos, e poderia mesmo dizer, sem faltar a verdade, até o dia de sua morte. Seu espírito jamais repousava no contentamento de si mesmo.

E. Ramirez Angel nos diz que Beethoven foi toda a sua vida, pela raça e pela educação, um fervoroso católico, um apaixonado crente. Pelos últimos dias de sua vida, exprimiu — e várias obras o atestam — o desejo de "não escrever senão música religiosa." — Jejuava nas vésperas dos dias santificados, comia magro nos dias de preceito e ao próprio sobrinho quis ensinar o catecismo "única base necessária à educação de um homem" — palavras suas. — Resignado no meio de suas cóleras disse uma vez o Maestro: "Ha na vida momentos espantosos!... mas é preciso aceitá-los."

Chopin foi um exemplo de amor à pátria e à sua progenitora.

Encontrei na Revista "A MUSICA" "Poeta, tanto no patriotismo como na morte,

desejou que mão amiga esvasiasse uma taça de terra da Polônia sôbre o seu féretro e que, como penhor de afeto filial, o seu coração fosse levado para Varsóvia e guardado na Igreja de Sta. Cruz. E, ao lado da Pátria, amou sua mãe de um afeto que teve o culto e os êxtases da idolatria. — George Sand, a sua grande amiga e juiz muito competente em matéria de afeições, afirma que o amor pela mãe foi realmente a única paixão de Chopin. — "Polônia amada... — escreve em seu diário — vejo-te como através de uma névoa e vejo os olhos de minha mãe, a sua boa, o seu rosto..."

Os nossos maiores artistas também nos deixaram exemplos edificantes de caridade. Conta-nos Taunay (Pag. 76) que José Mauricio fazia participar do seu minguado pedaço de pão os seus condiscípulos.

"...em 1792, não podia no Rio de Janeiro, o P. José Mauricio exercitar as qualidades nativas de grande executante se não nalgum modesto cravo que encontrava na casa de suas discípulas, e tanto assim que nem siquer reunia dinheiro bastante para ter um próprio. Na aula que abriu gratuitamente em sua casa, ensinava — de acôrdo com o que lhe sucedera na classe de seu mestre J. Salvador — num simples violão. "...manteve essa aula, ele só, sem apôio, sem recompensa, por espaço de 30 anos, até quasi os seus últimos dias..." "...grandeza dalma e incansavel constância pois que dessa escola, saiu a maior parte dos cantores e instrumentistas das suntuosas festas de igreja do tempo de D. João VI, e também provieram compositores de mérito como Francisco Manuel — autor do nosso hino pátrio".

"E não se esforçava tão somente por incutir aos seus discípulos os princípios e segredos da arte em que tão alto subiu; fazia quanto nas fôrças podia caber para deles arredar todos os tropeços que por ventura se opusessem à expansão das suas aptidões e vocação musical..."

Canta-se em brasileiro em todo o Brasil, — fôrça de expressão patriótica de Rodrigues Barbosa — mas se esta manifestação dalma, se essa expressão de sentimento é feita geralmente em nossa terra, até nos mais aristocráticos salões, a Alberto Nepomuceno e a mais ninguem devemos". Ainda de R. Barbosa, um dos bons críticos brasileiros: "...Nepomuceno viveu pelo espírito e pelo coração e, como todos os homens de largo ideal e de vibrante temperamento, afetivo, a sua vida foi um longo sofrimento sem treguas, uma noite sem alvoradas, uma tempestade sem bonança. Não fôra a sua fé na Arte, a sua crença religiosa, a sua resignação incomparavel e ele teria sucumbido na estrada, tantas eram as urzes do caminho ingrato, que só tropeços lhe oferecia a cada passo andado. E ninguem adivinhava aquele martírio de todos os dias, ao vê-lo na beleza de sua fronte de nazareno, coroada por um diadema de cabelos brancos; na face branca a desabrochar, um sorriso de bondade infinita, e, nos olhos que brilhavam cheios de lúz, a meiga infantalidade de uma criança..."

A expressão do homem grato e patriota o temos em Carlos Gomes. Esse nosso ídolo, cuja vida foi crivada de transbordantes constrangimentos, a terminarem com o seu desaparecimento. Façamos falar a sua carinhosa filha, D. Itala Gomes Vaz Carvalho: (pag. 189) "...tinha promessa formal do Imperador de ser nomeado diretor do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, onde havia afiado as suas primeiras armas; o exílio de seu bondoso protetor e amigo, deixava-o inteiramente desamparado. Meu pai nunca tivera côr política. Era, antes de mais nada, um brasileiro que amava entranhadamente o seu país, mas era profundamente sinceramente grato a D. Pedro II, assim como à Família Imperial. A desdita do Imperador veio ferí-lo num dos seus mais sagrados cultos de amizade e gratidão. A nomeação esperada no veio... Mais tarde porém (249) convidado pelo Dr. Lauro Sodré, governador do Pará, foi nomeado

organizador do Conservatório de Mús'ca, que se ia fundar naquele Estado" julgavasse rea'mente feliz com a nomeação obtida... tencionava introduzir no Brasil os moldes adiantados do ensino musical... sonhava organizar no seu amado Brasil um verdadeiro Ateneu mus'cal!... "Nobre gesto de homenagem ao gênio e que, desgraçadamente, C. G. não deveria gozar por mu'to tempo! No fim da vida, quasi moribundo, o grande brasileiro voltava á pátria, que cobrira de tanta glória, carinhosamente chamado para um dos Estados de seu territór'o, onde a encontrar afinal um alívio, embora relativo, às torturas, às injustiças e às guerras sofr'das.

Senhoras diplomandas, — devo terminar — pois que tomei demasiadamente o vosso tempo. Nos conselhos que vos deixo, plasmados no vosso precioso catecismo e nas boa ações praticadas pelos grandes mestres, devere's pautar vossa conduta pelo mundo das atividades.

Finalizo portanto satisfeito de vos ter dado um talisman do bom viver. Oxalá, no ambiente para o qual Deus vos destine, possais desenvolver os vossos dotes e usufruir dos vossos pendores artísticos, ora já tão sab'amente educados neste modelar estabelecimento. Oxalá possais desenvolver e aplicar em vossa vida os eficientes ensinamentos recebidos neste Instituto de arte, sob a direção honesta de Dona Maria Amélia — boa brasileira que sabe empregar o seu tempo, sendo útil à nossa sociedade, mantendo, com tanto carinho, um educandário donde partirão os artistas para um Brasil cada vez melhor".

★

Vitrina de Livros

Genesio Pereira Filho

"BOLETIM LATINO AMERICANO DE MUSICA" — Apesar dos inúmeros tropeços que a guerra veio impôr às realizações práticas no campo do Americanismo Musical, a extrema boa vontade daqueles que pugnam por esse ideal não deixou que as mesmas de todo se anulassem.

Assim, este quinto tomo do também quinto ano é uma grande obra, que merece ser louvada pelo que de bom encerra.

Já focalizei, nesta mesma secção, o espírito comercial com que muitas editoras vêm, nos últimos tempos, lançando obras musicais (tanto de como sôbre música). Não visam elas outra coisa senão lucro material, pouco se dando à preocupação de produzirem obras honestas. Não se pode, sob a desculpa de que essas publicações são de vulgarização musical, justificar uma atitude por demais descabida. Esse fato, ilógico por si mesmo, virá concorrer para a formação de uma atmosfera de culturismo, isto é, de uma falsa cultura.

A isso junta-se outro mal, a que Franc'sco Curt Lange, na apresentação deste "Boletim", chama de "algo esencial" "que nos falta para que la profesión del creador obtenga una mayor solidez: el artesanato, fruto de la labor colectiva y lleno de

consideraciones. Nuestro individualismo y la ausencia de instituciones tradicionales, fomentam la transición de aprendiz a maestro, tan veloz y precipitada que se olvida que entre ambas etapas se encuentra la de oficial. Así como el tipógrafo se establece con imprenta propia sin haber cursado estudios profesionales que le hubieran permitido adquirir experiencia, así como escribe la crítica musical cualquier persona sin que la direción de un diario exija la presentación previa de credenciales que atestigüen competencia profesional, también el joven que ayer dejó de ser discípulo de un maestro que sólo le enseño el ABC de la música, salta al sitial de los compositores y ensaya en vidalas, tonadas, marineras y danzas de negros la nueva postura del maestro creador, sin que sea capaz de guiar un bajo en medio de la manña de sus elucubraciones". (págs. 19 e 20).

E é exato. Há pessoas que, mal incipientes na música, já se aventuram a fazer composições, não só no setor mais fácil, como naquele mais complexo. Esse fenômeno é geral. E as Américas, especialmente, parecem mais se ressentir de tal circunstância. Aquí e alí é que se notam algumas "ilhas" de elevada compreensão musical, formadas por pessoas que se dedicam com amor e por ideal à arte do pentagrama. Seus estudos são sérios, profundos, mas por esparsas essas ilhas, geram um isolamento cultural; a América do Norte, diz Francisco Curt Lange, apresenta um ambiente musical mais elevado, mais apropriado, portanto, às realizações no campo prático. Na política da "Goodneighbour", pois, a terra de Tio Sam deve dar mais do que pedir aos outros países americanos.

Oferecemos mais um manancial de estudos, como fontes pródigas e ainda bem pouco exploradas, do que uma retribuição dente por dente.

Este quinto tomo é dedicado à América do Norte, em sua parte principal, e todos os trabalhos, dada a rigorosa seleção, são dignos de destaque .Sua leitura é proveitosa. O mesmo elogio fazemos à segunda parte — "Estudios Latino-Americanos" — mais especialmente dedicada ao México.

A parte ilustrada é ótima. Além das figuras referentes aos textos musicais e aos estudos sôbre música, há, de começo a fim, reproduções pitóricas e de artistas gráficos. Revelam elas o grande adeantamento que, nos Estados Unidos da América do Norte, vai nesse terreno.

Este volume do "Boletim Latino Americano de Música" é, pois, confortador, sobretudo no momento. Apesar de não ser "un volumen en el que predomina la investigación", mas sendo antes "bien informativo", não pode, certamente, ser dirigido à grande totalidade dos "músicos" ou "amantes da arte musical". É mais próprio às "ilhas".

E esse é um grande mérito.

●

PREMIO LUIS ALBERTO PENTEADO DE REZENDE — Terminará em 31 de março, inapelavelmente, o prazo de entrega dos originais concorrentes. As sinfonias enviadas ao concurso poderão, entretanto, ser recebidas ainda no decorrer de abril, com a condição expressa de que tragam bem visivel o carimbo do correio datado de antes das 24 horas de 31 de março.

Tambem no decorrer do mês de abril será divulgada a constituição da Comissão Julgadora, que será composta de 3 membros e serem indicados um pelo Departamento de Cultura, outro pelo Conselho de Orientação Artística, ambos de São Paulo e o terceiro pela Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro".

VARIAS

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MUSICA — O Presidente da República, pelo decreto n.º 14.437, de 5-1-44, concedeu reconhecimento ao Conservatório Brasileiro de Música, com séde no Distrito Federal, e que é dirigido pelo grande compositor e regente brasileiro O. Lorenzo Fernândez.

MAESTRO AGOSTINHO CANTÚ — Faleceu nesta capital, no dia 27 de dezembro, do ano findo, o maestro Agostinho Cantú. Natural da Itália, nasceu em Milão, em 1878, tendo vindo para o Brasil ha 35 anos, ingressando no quadro de professores do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Nesse estabelecimento e no meio artístico paulista, o maestro Agostinho Cantú desenvolveu apreciavel atividade didática, ao mesmo tempo que prosseguira na sua carreira de compositor. Na sua produção contam-se numerosas peças para piano e para vozes. Como professor de piano, formou distintos alunos, que se destacaram em concertos e recitais. Deixou também uma ópera, "O Poeta", que foi executada no Teatro Dal Verme, de Milão, sob a regência do maestro Túlio Serafim, em 1908.

AUDIÇÃO DAS ALUNAS DA PROFA. MARIA PAGANO BOTANA — Com a presença de S. A. I., o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, que fez-se acompanhar pelo dr. Sebastião Pagano, realizou-se, no Esplanada, uma bem organizada audição, durante a qual foi procedida a entrega de medalhas de ouro e prata, tendo usado da palavra a profa. M. P. Botana, o sr. Corrêa Júnior e duas alunas. Em execução especial, dedicada ao ilustre convidado, a srta. Guiomar Rodrigues Milhomens, detentora do 1.º Prêmio — Med. de Ouro —, fez-se ouvir na Sonata n. 1, op. 2, de Beethoven, após a qual foi cumprimentada por S. A. I..

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS PELA "RESENHA MUSICAL" (Caixa Postal — 4848, São Paulo) — **LATIN AMERICAN MUSIC IN 1941**, by Gilbert Chasse (Library of Congress) — Harvard University Press — Cambridge — Massachusetts, 1942; **COMENTARIOS À CONSOLIDAÇÃO** — Waldemar Gola, Edição da Biblioteca do Departamento Jurídico da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1943; **REVISTA MUSICAL MEXICANA** — México; **ECO MUSICAL** — Buenos Aires, Argentina; **MUSICA SACRA** — Petrópolis; **ORIENTACION MUSICAL** — Ateneo Musical Mexicano, México; **NOTICIOSO CATOLICO INTERNACIONAL** — Buenos Aires, Argentina; **POR-QUE NO SOMOS RACISTAS NI ANTISEMITAS** — Jacques Maritain (Edição da "Informacion Católica Internacional" — Buenos Aires, Argentina); **GAZETA DE LIMEIRA**, jornal — com secção musical; **BOLETIM DA BBC**, de Londres, Inglaterra.

MAESTRO ARTUR BOSSMANN — Em transito por esta Capital, visitou esta revista o ilustre maestro belga sr. Artur Bossmann, regente dos mais notaveis da terra do Rei Alberto. É possivel que dentro em breve possamos ouvir o abalizado

regente e compositor à frente da grande orquestra do Departamento de Cultura ou do conjunto da Orquestra Sinfônica de São Paulo. Será uma feliz iniciativa para poder o público paulista entrar em contato com esse artista já bastante conhecido e admirado no mundo artístico carioca.

GRAVAÇÃO DE HINOS — O Serviço de Divulgação da Secretaria Geral de Educação e Cultura, por ordem do prefeito Henrique Dodsworth, gravou industrialmente os quatro hinos oficiais brasileiros, a saber: Nacional, à Bandeira, Independência e República. As gravações serão distribuídas por todas as emissoras não só da capital como as que se espalham por todo o território nacional.

BRASILIO ITIBERÊ DA CUNHA — Este ilustre compositor e diplomata brasileiro, muito conhecido através suas obras musicais, dentre as quais a muito executada e sempre ouvida com agrado, "A Sertaneja", que Luciano Gallet dificultou sob a denominação "Fantasia Brasileira", nem todos os leitores sabem, porém, que o dr. Brasílio Itiberê da Cunha, faleceu em 11 de agosto de 1913, em Berlim, no cargo de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de nosso país. A viuva do ilustre diplomata, D. Leopoldina Itiberê da Cunha, reside no Rio de Janeiro.

ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA — A Direção desta sociedade, do Rio de Janeiro, realizou no mês de dezembro, o ciclo das Sinfonias de Beethoven, sob a regência do maestro Eugênio Szenkar. Prestaram seu concurso, tambem, os distintos artistas Alice Ribeiro, soprano; Marion Mateus, contralto; Roberto Miranda, tenor e Rolf Telasko, baixo, que foram os solistas da 9.ª sinfonia.

BANDA DE MUSICA DO BATALHÃO DE GUARDAS, do Rio — Segundo o aviso n.º 2.868, do sr. Ministro da Guerra, publicado pelo D. O. U., de 29-11-43, a Banda de Música do Batalhão de Guardas, será constituida, a partir de 1 de janeiro de 1944, por 72 figuras, assim distribuidas: — 1 flautim em ré b; 1 flauta em dó; 1 oboé em dó; 2 ré tenor em si b; 1 saxofone barítono em mi b; 1 fagote em sol; 4 cornetim em si b; 3 contralto em si b; 2 trompete em mi b; 3 trompa de harmonia em fá; 3 alto em si b; 2 barítono em si b; 2 bombardino em dó; 5 trombone em dó; 1 trombone baixo em mi b; 3 contra-baixo em mi b; 3 contra-baixo em si b; 1 tímpano (par); 2 bombo; 2 pratos (par); 1 caixa clara e 1 caixa surda. A mesma será integrada por um 2.º Tte. mestre de música, um 1.º sargento contra-mestre, 17 músicos de 1.ª classe, 19 de 2.ª e 34 de 3.ª classe.

NOVA ORQUESTRAÇÃO DO HINO NACIONAL BRASILEIRO — Foi designado pelo sr. ministro Aristides Guilhem, o 2.º tenente músico Antônio Rodrigues de Jesus, comandante da Cia. de Músicos do Corpo de Fuzileiros Navais, para representar o ministro da Marinha como perito musical na comissão incumbida de examinar a nova orquestração do Hino Nacional.

LEOPOLDO STOKOWSKY REGEU A SINFONICA DO MEXICO — Em janeiro de 1931, o grande regente russo Leopoldo Stokowsky, regeu, a convite do compositor e regente mexicano Carlos Chávez, a Orquestra Sinfônica do México. Regeu, então, dentre outras, as seguintes obras: Hino Nacional Mexicano, abertura de "Lohengrin" "Leonora 3" de Beethoven. Em agosto deste ano, voltou ao Mexico para, reger novamente a brilhante orquestra hoje no seu apogeu. Dentre as obras que regeu nesta segunda visita ao México, figuram a 7.ª Sinfonia de Shostakovitch, Mariachi, de Blas Galindo, e Antígona, de Carlos Chávez.

COMPRE
"BONUS DE GUERRA"
para a Vitória
do Brasil
e da
Amé-
rica
RESENHA MUSICAL
"RESENHA MUSICAL"
Caixa Postal 4848
S. Paulo - Brasil

SEGUROS
DE VIDA